

---

## **A Comunicação nas grades curriculares dos cursos de medicina das universidades públicas no estado de São Paulo: desafios para um ensino multidisciplinar<sup>1</sup>**

Arquimedes PESSONI<sup>2</sup>  
Regiane M. S. BIANCHINI<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Pesquisar conteúdos de Comunicação destinados à formação de futuros médicos é pensar em como o ensino na área de saúde é construído para atender as necessidades dos usuários de serviços de saúde, em suma, a população em geral. Sendo assim, este artigo tem como objetivo refletir sobre as ementas encontradas nos cursos de Medicina, oferecidos por universidades públicas do estado de São Paulo, que trazem a comunicação como elemento de formação desses profissionais da Saúde. O recorte dado ao artigo integra pesquisa que, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), analisará conteúdos propostos e, ao final, construirá uma ementa para contribuir com a boa atuação profissional na área da Saúde, em relação à comunicação com pacientes, humanização do atendimento preconizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e base para transmitir informações de interesse público.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação e Saúde; Interesse Público; Currículo, Medicina

### **INTRODUÇÃO**

Comunicar corretamente é algo importante em qualquer profissão. No campo da saúde mais ainda, haja vista que o resultado da boa ou má comunicação entre os profissionais impacta diretamente na prevenção de doenças e na promoção da saúde. A boa informação médica, dessa forma, se bem compreendida pelo paciente, tem um papel de antídoto para várias doenças passíveis de prevenção. Embora as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Graduação em Medicina destaquem a importância da comunicação como uma competência a ser bem desenvolvida pelos estudantes, o texto é superficial em relação à relevância da habilidade para a relação médico-paciente, e poucas escolas valorizam o ensino da comunicação verbal e não verbal em seus currículos.

Conforme lembram Rossi e Batista (2006), as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina (BRASIL, 2001) apontavam para a necessidade de formação de um médico generalista, humanista, crítico e reflexivo, capacitado para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Pesquisa com apoio FAPESP, processo nº 2018/03201-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>2</sup> Docente da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). E-mail: [redecomsaude@uol.com.br](mailto:redecomsaude@uol.com.br)

<sup>3</sup> Mestranda em Comunicação de Interesse Público pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), [regianebianchini04@gmail.com](mailto:regianebianchini04@gmail.com)

---

atuar, pautado em princípios éticos, no processo de saúde-doença em seus diferentes níveis de atenção, com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência. Dentre as habilidades específicas, destacam a necessidade de o aluno aprender a comunicar-se adequadamente com os colegas de trabalho, os pacientes e seus familiares, informando-os e educando-os por meio de técnicas apropriadas.

Concordando com os autores, Silveira (2017) lembra que:

O processo de formação médica é complexo e envolve a aquisição e o desenvolvimento de diferentes habilidades, competências e atitudes. Deve contemplar o ensino da bioética, da relação médico-paciente e do trabalho em equipe. Assim, o aperfeiçoamento do currículo médico deve ser contínuo e abordar não só o ensino técnico e científico, mas também favorecer o processo de desenvolvimento de uma identidade profissional. Durante o curso, os alunos são expostos a aspectos não formais do currículo, denominados currículo oculto. Trata-se de um conjunto de influências e vivências não programadas pelo currículo formal, que podem ter impacto direto na formação da identidade profissional (SILVEIRA, 2017, p.10).

Entendendo as universidades que formam os profissionais de medicina como um espaço privilegiado para valorizar o papel da comunicação, como habilidade necessária a ser desenvolvida pelos médicos desde o início de sua formação, acredita-se que o conteúdo do currículo deve necessariamente concordar com a prática profissional e ser pautado pelas necessidades da sociedade para a qual o futuro profissional se destina (DOS REIS, DA SILVA SOUZA e BOLLELA, 2014, p.275). Estudar a presença dessa disciplina no currículo médico pode dar um bom norte às pesquisas nos campos do ensino da saúde e da comunicação.

O artigo busca identificar se as habilidades comunicacionais para os estudantes são contempladas pelos currículos das universidades públicas de Medicina do estado de São Paulo, na figura das seguintes instituições de ensino: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP-SP); Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP); Universidade do Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (UNESP); Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP); Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas (UNICAMP); Faculdade de Medicina de Marília (FAMEMA); Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), nos programas de formação de profissionais médicos

---

que atuarão prioritariamente - durante o processo formativo clínico - junto à população que se beneficia do Sistema Único de Saúde (SUS).

Na dimensão social, o presente projeto contribui para identificar nos currículos das universidades públicas de Medicina de São Paulo se as habilidades comunicacionais dos estudantes estão sendo contempladas a contento para a formação de profissionais médicos que atuarão prioritariamente - durante o processo formativo - junto à população que se beneficia do Sistema Único de Saúde (SUS). Caso a pesquisa aponte para deficiências na formação desse profissional pode-se indicar rotas de correção nas grades das universidades paulistas a fim de contemplar essa necessidade formativa.

Dialoga com esta pesquisa, o estudo desenvolvido por Franco *et al* (2016), com interface em reconhecida universidade portuguesa, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, e cujos anseios se assemelham aos objetivos pretendidos de compreender, inferir, analisar e tornar eficaz a comunicação entre médico e paciente. A referida investigação traz ao cenário da área da Saúde luso-brasileira, as dificuldades encontradas por estudantes na aprendizagem da comunicação na graduação, levando em consideração que seu ensino esteja sendo conduzido à formação complementar, isto é, depois da formação de graduação, mesmo com a adaptação realizada em seus programas, a partir das diretrizes estabelecidas pelos novos currículos nacionais, no caso do Brasil.

Além da formação em áreas interdisciplinares e complementares, o estudo sobre o ensino da comunicação na área da Saúde é tema de interesse público, pois se espera do profissional da Saúde, em específico dos cursos de Medicina, uma comunicação clara, objetiva e, ao mesmo tempo, de empatia e acolhimento, no que se refere ao atendimento ao paciente (RIOS, 2012). Há também outros vieses da comunicação na área de Saúde, que encontram-se na prevenção, tratamento, profilaxia de doenças, seja por meio de campanhas de envolvimento da população, em peças publicitárias, noticiários de imprensa, e em outros meios que possam disseminar informações e mobilizar o público.

Campos (1999) reforça a necessidade da formação dos médicos ser revista e ampliada no que tange a disciplinas que ultrapassem as fronteiras da Medicina, enquanto ciência biológica.

Os desafios da formação médica estão, portanto, ligados aos desafios da assistência. O segredo para uma formação médica adequada estaria guardado junto com o segredo dos modos como se poderia reformar a

---

clínica e a saúde pública. A reforma do ensino depende da reforma dos saberes e práticas que deveriam reorientar a clínica e a saúde pública (CAMPOS, 1999, p. 191).

Sob a perspectiva teórica, o levantamento de literatura existente sobre o tema nos campos da comunicação, ensino e saúde, agregadas ao interesse público aponta para os conteúdos curriculares das universidades que são objeto dessa pesquisa, com a expectativa de criar um “currículo referência”, que atenda aos princípios necessários ao desenvolvimento de habilidades e competências de comunicação de futuros médicos. Ademais, o resultado pode ser ampliado para os demais cursos da área da saúde, tais como, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição, Biomedicina e outros, cujos alunos também têm contato direto com o público em geral, especialmente usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

Em um primeiro momento este artigo dará conta da parte inicial de uma pesquisa maior, identificando nos currículos das universidades públicas de Medicina do estado de São Paulo de que forma a temática comunicação é contemplada nas grades das disciplinas dessas instituições e se vão ao encontro das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de Medicina. Para tanto, buscamos verificar os conteúdos de comunicação presentes nas grades dos cursos de Medicina por meio de pesquisa documental e bibliométrica.

A sequência da pesquisa, prevista para ser concluída em setembro/2020 irá analisar quais metodologias são utilizadas para abordar conteúdos comunicacionais em saúde; elaborar recomendações para o conteúdo desejado em Comunicação e Saúde aos docentes do curso de Medicina, bem como referências bibliográficas sobre o assunto; identificar junto aos coordenadores dos cursos as demandas de comunicação que encontram em sala de aula, bem como o currículo oculto que explora a comunicação como habilidade médica e que não aparece explicitamente nas grades curriculares.

A pesquisa tem caráter documental, exploratório e qualitativo (GIL, 2008). Documental porque estuda as ementas e conteúdos das disciplinas dos cursos de Medicina das universidades públicas de São Paulo; exploratório porque terá contato com o tema em um segmento pouco contemplado com pesquisas desse perfil e qualitativo porque envolve contato com os gestores do curso para obter mais informações.

Quanto ao referencial teórico, foram selecionados três eixos relacionados ao ensino da área da saúde nas universidades para compor o estudo: a) currículos, b)

---

pesquisa em ensino e c) comunicação médico-paciente, levando em consideração autores, que fazem reflexão sobre os conteúdos das propostas pedagógicas e seu contexto, bem como das ementas dos cursos de Medicina no Brasil e no mundo.

Pesquisar conteúdos de Comunicação dirigidos à formação de médicos exige a verificação, associação e análise de dados, sustentados por sólidas bases teóricas, para investigar o ensino na área de Saúde. Hamamoto Filho *et al* (2013) relatam que essa preocupação surgiu ainda no início da década de 1950, com George Miller, na Universidade do Estado de Nova York, Buffalo (NY). Segundo os autores, foram seus os primeiros esforços para, através da pesquisa, qualificar o ensino e aprendizagem nas escolas médicas de modo sustentado e com financiamento. Desde então, a pesquisa em educação médica é motivação dos profissionais da saúde interessados em enriquecer o ambiente de ensino.

[...] para a qualificação da pesquisa em educação médica brasileira, há que se considerar investigações na fronteira do conhecimento, inovadoras, criativas, com forte embasamento teórico, com metodologias adequadas às propostas de pesquisa e focadas na atenção à saúde dos pacientes (HAMAMOTO FILHO *et al.*, 2013, p.482).

Considerando esta linha de raciocínio, foram constituídas três etapas para a realização deste estudo, baseadas na coleta de informações em currículos e entrevistas com coordenadores dos cursos de medicina das universidades públicas do Estado de São Paulo, a fim de identificar o tema presente nos chamados “currículos ocultos”, entendido por Dos Reis, Da Silva Souza e Bollela (2014), como aquilo que é aprendido, sem integrar de maneira formal as atividades previstas em um curso:

O currículo “oculto” é definido como tudo aquilo que os estudantes aprendem, mas que não faz parte das atividades previstas no currículo declarado, e apesar de não ser formalmente ensinado pelos professores do curso e/ou não estarem previstos na carga horária do curso, resulta em aprendizado para os estudantes. Finalmente, existe o conceito de currículo “aprendido”, que estaria relacionado a tudo aquilo que foi possível aos estudantes aprenderem, independentemente se nas atividades formais ou informais de aprendizado (DOS REIS, DA SILVA SOUZA e BOLLELA, 2014, p.273-274).

Este artigo dará conta apenas da primeira etapa da pesquisa, relacionada aos conteúdos expostos nas grades curriculares e na bibliografia utilizada nas ementas. É também por meio da observação de profissionais que atuam na área como médicos ou professores que, Rossi e Batista (2006) reafirmam a prática do aprendizado da

comunicação na área da saúde no contexto do currículo oculto. Os autores explicam que o currículo oculto pode ser compreendido como normas e valores implícitos “nos momentos de aprendizagem, inclusive naqueles em que não se aponta o objeto de estudo” (ROSSI e BATISTA, 2006, p.94-98).

Segundo Adler e Gallian (2014), as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Medicina vincularam a formação médico-acadêmica às indicações do Serviço Único de Saúde (SUS), buscando aproximar projetos curriculares da saúde pública. Esse documento estabeleceu competências profissionais e enfatizou a integração ensino-serviço nas unidades de saúde. As DCNs, além de princípios, descrevem o perfil do egresso dos cursos de graduação na saúde como um profissional crítico, reflexivo, ético e humanista, capacitado a atuar frente às principais demandas de saúde da população, nos diferentes níveis de atenção a saúde, com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação, na perspectiva da integralidade do cuidado. Para tanto, foram traçadas competências, habilidades (VARELA, 2016, p.41), entre elas a comunicação, como veremos mais à frente.

A ideia de incluir a comunicação nos currículos das faculdades de Medicina no País não é recente e ainda esbarra na ausência de material publicado sobre o tema, conforme apontam os estudos de Sucupira (2007):

No campo acadêmico, várias teses abordam a relação médico-paciente, sob diferentes perspectivas (Guimarães, 2005; Sucupira, 1982). Contudo, chama atenção a inexistência de livros didáticos sobre o assunto dirigidos aos alunos. A relação médico-paciente ainda se constitui um tema marginal, frente à hegemonia do modelo biológico organicista que domina a formação médica no nosso meio. As tentativas anteriores de inserir esse tema no currículo médico, que aconteceram em algumas faculdades de medicina, ocorreram no interior de disciplinas optativas ou consideradas de menor importância, como na psicologia, sociologia médica ou antropologia médica. Tentativas essas que não tiveram muito êxito. Atualmente, pode-se observar que o movimento ético e humanitário no interior da profissão médica, citado pelo autor, começa a ter repercussões no meio acadêmico, e em algumas universidades a abordagem de temas referentes à bioética no currículo médico começa a introduzir, para os alunos, a discussão da relação médico-paciente (SUCUPIRA, 2007, p.623).

Sobre a inserção do ensino da relação médico-paciente, Sucupira (2007) considera que deva ocorrer em duas instâncias: do ponto de vista teórico, como item fundamental à introdução, no currículo, de saberes próprios às áreas de humanidades,

com conteúdos voltados para a relação entre esses atores, tais como: psicologia, sociologia, antropologia e comunicação. E, em relação à prática, segundo o autor, “é importante a observação de consultas realizadas pelos alunos, tanto diretamente, como por meio de videofilmagens. Essas últimas permitem aos alunos reverem seus comportamentos e atitudes, possibilitando a discussão do significado de cada postura assumida” (SUCUPIRA, 2007, p.627).

Ainda que o Currículo Nacional de Diretrizes (Brasil, 2001) estabeleça a comunicação como uma habilidade/competência a ser desenvolvida em cursos de Medicina, a atenção dada ao tema ainda é tímida, se considerarmos as ementas dos cursos aqui analisados. Rossi e Batista (2006) colocam que o aprendizado da comunicação nas universidades de Medicina no Brasil ainda está restrito a áreas como a Psicologia Médica e a Semiologia, o que suscita o interesse e o rigor na pesquisa acadêmica, acerca do ensino da comunicação em cursos desta natureza.

A Base Curricular Nacional de Diretrizes coloca as seguintes habilidades de comunicação como essenciais por parte do profissional de Medicina:

1. Construir a relação médico-paciente: incentivar parceria/ promover participação ativa do paciente/ respeitar suas ideias na tomada de decisão
2. Desenvolver a conversa: incentivar o paciente a falar sobre sua vida, saúde e tratamento/usar perguntas abertas e fechadas adequadamente/escutar ativamente/usar adequadamente linguagem verbal e não-verbal (face, gestos, contato visual, posição do corpo)
3. Reunir informações: organizar conjunto completo dos dados clínico e vivencial do paciente/estruturar, esclarecer, e resumir as informações
4. Compreender o paciente: explorar fatores contextuais (família, cultura, idade, sexo, socioeconômico, espiritualidade, crenças, preocupações e expectativas)/reconhecer ideias, sentimentos e valores/ perceber e respeitar limites da sua privacidade
5. Compartilhar informações e fazer acordos: fazer acordos terapêuticos/incentivar a participação do paciente na tomada de decisão/considerar seus desejos, problemas e planos/cheçar se ele consegue seguir o plano/pedir outros recursos e apoio da equipe de saúde se necessário (BRASIL, 2014, Seção 1, p. 8-11).

Aguiar *et al* (2014) recordam que desde sua homologação, em 2001, pelo Conselho Nacional de Educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de Graduação em Medicina instituíram a necessidade de oferecer aos estudantes uma variedade de experiências em diversos ambientes de prática, para além da assistência médica, englobando a promoção da saúde e a prevenção de agravos. Assim, os “novos” cenários de ensino-aprendizagem a que se reporta a autora, nesta segunda década do



---

século XXI, vêm sendo campo de inovações e de oferta de novas oportunidades para estudantes de graduação da área da saúde. A autora lembra que não basta mudar o currículo, uma vez que os desafios são maiores:

[...] o desafio é educar alunos de medicina a ocuparem seu lugar de cidadãos e potenciais lideranças na construção de nosso sistema de saúde, a partir da prática planejada e supervisionada, em “cenários da vida real”: unidades básicas de saúde, espaços comunitários, organizações, não governamentais, conforme estudado por Maria Inês. Esses vários contextos podem contribuir para a integração curricular, mediante análise das interfaces entre conhecimento das ciências básicas e a prática clínica, entre a promoção da saúde e a prevenção de doenças, entre o corpo biológico, a realidade psíquica e social de indivíduos e grupos, conforme debatido no curso estudado (além da integração entre ensino-pesquisa-extensão) (AGUIAR *et al*, 2014. p.650).

Esta pesquisa integra o projeto “Comunicação em Saúde – estudo do tema nos currículos das universidades públicas de Medicina de São Paulo”, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo nº 2018/19080-8, e também é tema de estudo do docente que atua como líder do grupo de pesquisa do CNPq, Inovação em Comunicação de Interesse Público em Saúde, e se integra aos Programas de Mestrado Profissional Inovação no Ensino Superior à Saúde e Inovação na Comunicação de Interesse Público da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

Para analisar as ementas dos cursos de medicina em universidades públicas paulistas, realizamos a coleta de dados de todas as universidades que são objeto da pesquisa, por meio dos conteúdos programáticos, ementas destinadas à finalidade de desenvolver habilidades e competências do profissional da Saúde para comunicação com pacientes, bibliografia sugerida.

Após leitura flutuante do material, também foi realizada a seleção das disciplinas, ementas e bibliografia, em que se encontra o radical da palavra comunicação, cuja origem provém da língua latina, na qual encontra-se um conjunto de palavras, como bem assinala Nöth (2011, p. 86), que vão do *communis* = comum, *communio* = comunidade e *communicare* = fazer ou tornar comum:



---

Todos estes sentidos são bem compatíveis ou estreitamente relacionados com o sentido da palavra comunicação, pois comunicação é um ‘fazer comum’, que implica ‘participação’, ‘convivência’ e ‘convívio’, comunicação tem a haver com intercâmbio social e troca de informação e pode levar a mudanças do pensamento ou do conhecimento (NÖTH, 2011, p.86).

A partir da compreensão de seus significados, também foi possível avaliar, em uma primeira etapa, o currículo oculto inserido em disciplinas que não trazem em seu título a palavra comunicação, porém, estão estritamente ligadas ao desenvolver habilidades e competências para que o profissional de Saúde possa exercitá-la, tanto por intermédio da comunicação verbal, como pela comunicação não-verbal.

A partir da compilação das ementas das universidades públicas paulistas, foi possível constatar que a comunicação enquanto conteúdo fica relegado a disciplinas não específicas sobre o tema, para domínio de técnicas da comunicação, ou fica implícita em outros conteúdos que trabalham a relação médico-paciente, ética médica, entre outros.

Foram encontradas 42 disciplinas em que a palavra comunicação se faz presente, seja no título ou nos objetivos propostos em processos de interação com o paciente, sendo que deste total, somente três levam a palavra comunicação em sua nomenclatura: *Introdução à Comunicação com Pacientes* e *Comunicação Médica*, ambas da Faculdade de Medicina da USP- Ribeirão Preto; e *Noções de Gestão em Medicina II (Hospital e Comunicações)*, na Faculdade de Medicina da USP-SP, como pode ser observado no Quadro 01.

Nota-se em todas as ementas nas quais a comunicação está inserida, que a abordagem dada ao tema está relacionada ao atendimento clínico, bem como ao desenvolvimento de competências e habilidades comunicacionais necessárias ao cotidiano do profissional de Medicina. A prevalência do domínio de técnicas de comunicação é outro ponto observado nos projetos pedagógicos, a partir das mudanças ocorridas nas DCNs, que sugere a comunicação como um dos pilares de formação, pois é por meio desta competência que o profissional de saúde poderá exercer a habilidade de escrita; comunicação verbal e não-verbal; domínio da informação para gestão da saúde pública (UFSCAR, 2016).

De acordo com Rios (2012), na Faculdade de Medicina da USP, instituição em que há maior predominância de disciplinas com caráter humanístico, “das 127

disciplinas da graduação, 45 (duas do campo das humanidades médicas e as demais predominantemente da área clínica) tratavam de aspectos comunicacionais relativos à sua temática específica” (RIOS, 2012, p. 161). Segundo a autora, o desafio do ensino naquela universidade é criar habilidades e competências comunicacionais, para que haja boas práticas na área médica.

### QUADRO 01. Disciplinas para desenvolvimento de habilidades comunicativas

Universidade	Disciplinas	Abordagem sobre comunicação
FAMEMA	Área de Vigilância à Saúde	Identificação de necessidades de saúde
	Laboratório de Prática Profissional (LPP1)	Capacidade de comunicação, relacionamento e vínculo
	Aprendizagem Baseada em Problema	Situações em que a comunicação e a ética estejam presentes
FAMERP	Práticas de Saúde Coletiva	Necessidades de saúde dos indivíduos e comunidades, tendo a comunicação como ferramenta a favor do setor
FMRP-USP	Introdução à Comunicação com Pacientes	Identificação de fatores pertinentes ao paciente; compreensão dos mecanismos envolvidos na comunicação médico-paciente; técnicas de entrevista médica; particularidades de comunicação com o paciente e sua família
	Comunicação Médica	Técnicas de comunicação usadas na atividade médica
	Atenção à Saúde da Comunidade I	Interagir com o paciente, familiares, trabalhadores dos serviços de saúde e comunidade.
	Formação Humanística II	História da medicina e sua evolução pelos meios de comunicação e literatura
	Ética Médica	Conceitos básicos em Ética Profissional, também por meio da Publicidade médica, redes sociais, relações com a imprensa
	Psicologia Médica	Modelos adequados de comunicação médico-paciente, por meio de aulas expositivas
	Oncologia Clínica	Comunicação no cenário oncológico e comunicação de más notícias
	Ética Clínica I	Comunicação de más notícias, autonomia do idoso e pessoas vulneráveis no manejo da informação
	Acolhimento em Emergências	Gerenciamento de conflitos, comunicação de crise
	Estágio em Medicina Interna II	Comunicação interpessoal
UFSCAR	Educação em Saúde	Desenvolvimento e valorização da capacidade comunicacional, por meio de simulação de situações com atores
UNESP	Não há disciplinas que abordem especificamente o tema comunicação, porém, ela está relacionada como campo do saber a ser valorizado na formação médica.	Valorização de outros campos de saberes: saúde mental, humanismo, comunicação, economia da saúde, saúde pública, por meio do processo ensino-aprendizagem que privilegie o ensino da anamnese ampliada, com abordagem psíquica e contexto relacional e familiar, reforçando o compromisso com o sujeito e seu coletivo;
UNICAMP	A universidade mantém um Laboratório de Comunicação e Educação em Saúde, no Programa de Pós-Graduação na área da Saúde	
UNIFESP	Bases Biológicas do Comportamento	Comunicação verbal e não-verbal
	Psicologia Médica	Comunicação na relação médico-paciente e novas formas de comunicação
	Semiologia Integrada	Habilidades de comunicação médico-paciente
	Pediatria Ambulatorial, Comunitária e Medicina do Adolescente	Comunicação, ética e relação médico-paciente
	Libras	Comunicação com deficientes auditivos
	Processo Saúde-Doença-Cuidado I - Aulas introdutórias: Relações intersubjetivas. ética e comunicação em saúde: a construção de narrativas	Desenvolvimento e treinamento da capacidade de comunicação entre os pares em trabalhos em grupo
	Processo Saúde-Doença-Cuidado I (2ª parte), II e III	Comunicação e anamnese; linguagens verbal e não-verbal; discussão de casos; documentação da história clínica do paciente Capacitação do profissional para realizar uma comunicação efetiva; métodos estruturados para comunicação de más notícias ao paciente e seus familiares

USP- SP	Discussão Integrada de Casos I, II e III	Oficinas práticas de comunicação verbal e não-verbal
	Sistema Digestório II e III	Melhorias na comunicação com os doentes, técnicas para lidar com as dificuldades sociais e culturais
	Bases Anatomofisiológicas e Fisiopatológicas em Neurologia	Desenvolvimento e treinamento da capacidade de comunicação entre os pares em trabalhos em grupo
	Reabilitação	Desenvolvimento de habilidades de comunicação com o paciente com deficiência
	Prática Ambulatorial II	
	Introdução a Pediatria e a Puericultura	Escuta na consulta médica. Semiologia pediátrica.
	Noções de Gestão em Medicina I (Consultório)	Estratégia de divulgação e marketing, ética, redes sociais e networking
	Noções de Gestão em Medicina II (Hospital e Comunicações)	
	O Médico Frente à Morte	Reflexão sobre aspectos relacionados ao final da vida, luto, dificuldades relacionadas à comunicação com a família e familiares
	Sexologia Médica	Comunicação em sexualidade
Medicina Corpo e Mente Gerenciamento de Estresse e Inteligência Emocional	Comunicação empática técnicas que melhorem a comunicação entre profissionais de saúde e pacientes	
USCS	Habilidades Profissionais 1	Compreensão das habilidades de coleta de informações por meio de técnicas não verbais e verbais de comunicação, de modo crítico e reflexivo
	Habilidades Profissionais 2	Aprimoramento de habilidade de comunicação para entender, informar e educar os pacientes, familiares e comunidades, em relação à promoção de saúde, prevenção, tratamento e reabilitação das doenças, usando técnicas adequadas de comunicação;
	Habilidades Profissionais 5	Desenvolvimento da capacidade de aplicar técnicas de comunicação nos vários estágios de uma consulta;
	Saúde da Família e da Comunidade I	Abordagem do paciente e da comunidade para identificação dos problemas de saúde

Elaborado pelos autores

Em seu caderno de Estágio Integrado, a Faculdade de Medicina de Marília (FAMEMA) trata a capacidade de comunicação adequada como uma competência psicomotora, a ser trabalhada durante o programa de formação de seus estudantes. A comunicação com a família, acompanhantes de pacientes, tanto para entender o que será feito em atendimentos, como os tratamentos a serem prescritos, bem como informar diagnósticos, prognósticos e esclarecimento de dúvidas passa a ser uma das tarefas comuns e formais do profissional de medicina, segundo seu programa de estágio.

Entende-se por competência profissional a capacidade circunstancial de mobilizar, articulada e integradamente, recursos cognitivos, psicomotores e afetivos para abordar/resolver problemas complexos de saúde individual ou coletiva (FAMEMA, 2018, p.5).

Ainda sobre a abordagem da comunicação nas grades curriculares dos cursos de Medicina pesquisados, encontram-se praticamente as mesmas referências bibliográficas, com poucas variações de obras e autores, em uma vertente reflexivo-teórica da Filosofia, cujo estudo da ética, inclui questões morais e de valores sociais, e também voltada ao desenvolvimento de habilidades comunicacionais, em obras focadas em técnicas de comunicação ambientadas para a área da Saúde, como observamos no quadro 02.

No caso das referências utilizadas para o ensino da comunicação na Saúde, prevalecem autores internacionais, com enfoque em técnicas de entrevista clínica, casos sobre atendimentos e fatos sobre a área da saúde noticiados pela imprensa, ética,

embora esta não seja vinculada unicamente à comunicação, construção de narrativas paciente-médico; escuta ativa; a comunicação como facilitador do ensino e aprendizagem, conjugada com atividades de teatralização de situações mais complexas em ambulatório/consultório.

### Quadro 02. Bibliografia frequente no ensino da comunicação na Saúde

<b>Autores</b>	<b>Títulos</b>
BOBBIO, Norberto	Estado, governo, sociedade: Para uma teoria geral da política
CARRIÓ, Francisco Borrell	Entrevista clínica: habilidades de comunicação para profissionais de saúde
TOPOL, Eric	The Creative Destruction of Medicine
DA SILVA, Fernando Ribeiro	Administração e Marketing Em Medicina
HABBERMAS, Jurgen	Consciência Moral e agir comunicativo
KRASNER MS, EPSTEIN RM, BECKMAN H, SUCHMAN AL, CHAPMAN B, MOONEY CJ, QUILL TE	Association of an educational program in mindful communication with burnout, empathy, and attitudes among primary care physicians.
KURTZ SM, SILVERMAN JD, DRAPER J. CALGARY	Cambridge Guide to the Medical Interview – Communication Process.
LARA, João Claudio	A quem interessa a relação médico paciente
EMANUEL, Linda L.; VON GUNTEN, Charles F.; FERRIS, Frank D.	The Physician-Patient Relationship. Advance Care Planning Van Dalen, J., e col. Teaching and assessing communication skills in Maastricht: the first twenty years.
MADEIRO LEITE, A.J. <i>et al</i>	Habilidades de Comunicação com Pacientes e Família.
MOLEN, T.M.	Habilidades da Escuta na Consulta Médica
MORIN, Edgar	Introdução ao pensamento complexo
OMS-Behavioral Sciences Learning Modules	Comunicação de más notícias
ONG, Lucille ML <i>et al.</i>	Doctor-patient communication and cancer patients. Patient Education and Counseling.
ORLANDI, Eni P.	Análise de discurso: princípios e procedimentos
PENDLETON, David; SCHOFIELD, Theo; TATE, Peter; HAVELOCK, Peter	A nova Consulta: desenvolvendo a comunicação entre médico e paciente
PENDLETON, David; SCHOFIELD, Theo; TATE, Peter; HAVELOCK, Peter	A nova Consulta: desenvolvendo a comunicação entre médico e paciente
POLITO, Reinaldo	Como falar corretamente e sem inibições
RIDER, E. A.; KEEFER, C.H.	Communication skills competencies: definitions and a teaching toolbox, Medical Education
ROSSI, Pedro; BATISTA, Nildo Alves	O ensino da comunicação na graduação em medicina: uma abordagem.
SHAFFER, R.N.	Public Speaking for physicians
SILVA, Maria Julia Paes da	Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais
SUCUPIRA, Ana Cecília	A importância do ensino da relação médico-paciente e das habilidades de comunicação na formação do profissional de saúde
TAN, Oon Seng	Problem-based learning: educational innovation across discipline: a collection of selected papers
TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues	Modelos comunicacionais e práticas de saúde
TEUTSCH, Carol	Patient-doctor communication
VAGAN, A.	Medical students perceptions of identity in communication skills training: a qualitative study

Elaborado pelos autores

Dialoga com a prevalência de obras em língua estrangeira a análise elaborada por Rios (2012), sobre comunicação em medicina no cenário internacional, no qual “as competências relacionais, que envolvem particularmente habilidades comunicacionais, empatia e construção de vínculo, têm sido amplamente estudadas por referência às suas implicações na prática médica” (RIOS, 2012, p.160), desde os anos 1990, e que só foram inseridas no âmbito nacional com a reformulação das DCNs no curso de Medicina, porém, reforçando a necessidade de se promover habilidades comunicacionais já nos dois primeiros anos de ensino.

---

As unidades curriculares analisadas, e que constam dos programas pedagógicos das referidas universidades, integram a primeira etapa deste estudo sobre o ensino da comunicação na área. O mesmo pode ser dito sobre a organização das grades curriculares, que mesmo sem serem denominadas como disciplinas específicas da comunicação têm como proposta o desenvolvimento de habilidades que levam a um processo empático, transparente e ético da relação entre médico, paciente, pares e sociedade.

### **Considerações finais**

A comunicação para a Saúde pode ser entendida como uma habilidade que pode ser aprendida e desenvolvida, para integrar-se à competência do profissional em saúde. Neste sentido, deriva do aporte teórico e do aprendizado prático, por meio de técnicas diversas, seja pela simulação de situações de atendimento ao paciente, seja pelo viés da gestão da informação e da ética de divulgação de dados, ou mesmo da forma como a Medicina vem sendo tratada nas esferas de gestão e marketing.

Compreendida nas Diretrizes Curriculares Nacionais como importante fator de formação e desenvolvimento dos profissionais médicos, a comunicação passa a ser estratégica no ensino da Medicina e encontra nos espaços de ensino a oportunidade de estar presente em todas as disciplinas que lhe dizem respeito. Na própria resolução que estabelece os princípios e fundamentos da formação em Medicina, uma das finalidades do ensino é o de desenvolver a comunicação, em todos os âmbitos possíveis, e de todas as maneiras, independentemente da técnica a ser utilizada, pois espera-se que o profissional da área de Saúde saiba comunicar-se, acolher, compreender o que seu público, no caso, o paciente tem a lhe dizer, pratique empatia, gere conflitos, saiba conduzir a comunicação em situações de crise, conheça as ferramentas de tecnologia da informação a favor do bem comum, de seus pacientes, faça uso de novas formas de comunicar, porém, sempre ponderando a ética das informações de que dispõe e de que maneira poderá utilizá-las a favor da saúde pública, do desenvolvimento de pesquisas.

Ainda que a formação humanística esteja implícita no currículo dos cursos de Medicina, é preciso embasar os estudantes e egressos da área com ações prático-teóricas voltadas ao exercício de melhor comunicar. Aos que não ainda não passaram por

processos formativos que contemplem esta prática, vê-se a necessidade de acrescentar a comunicação como peça indispensável da formação médica<sup>4</sup>.

## REFERÊNCIAS

- ADLER, Maristela Schiabel; GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. Formação médica e serviço único de saúde: propostas e práticas descritas na literatura especializada. **Rev. bras. educ. méd.**, p. 388-396, 2014. Disponível em: <http://saudepublica.bvs.br/pesquisa/resource/pt/lil-723252>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- AGUIAR, Adriana C. de *et al.* Implementando as novas diretrizes curriculares para a educação médica: o que nos ensina o caso de Harvard. **Interface Comun Saúde Educ.**, v. 5, n. 8, p. 161-166, 2001. Disponível em: [https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/icse/v5n8/20.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/icse/v5n8/20.pdf). Acesso em: 22 fev. 2018.
- CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Educação médica, hospitais universitários e o Sistema Único de Saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 187-194, jan. 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1999000100019&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1999000100019&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 25 jun. 2019.
- BRASIL. Resolução nº 3, de 20 de junho de 2014. Seção 1. **Diretrizes Curriculares do Curso de Medicina**. Brasília; 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/formacao/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/20138-ces-2014>. Acesso em: 26 mai. 2019.
- BRASIL. Resolução cne/ces nº 4, de 7 de novembro de 2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES04.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2019.
- DOS REIS, Francisco José Candido; DA SILVA SOUZA, Cacilda; BOLLELA, Valdes Roberto. Princípios básicos de desenho curricular para cursos das profissões da saúde. **Medicina (Ribeirão Preto. Online)**, v. 47, n. 3, p. 272-279, 2014. Disponível em: <https://www.journals.usp.br/rmrp/article/view/86615>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- FAMEMA. Faculdade de Medicina de Marília. **Unidade Educacional Eletiva, Medicina, 2015**. Disponível em <<http://www.famema.br/ensino/cursos/medicina.php>>. Acesso em: 12 set. 2018.
- FAMERP. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. **Principais informações sobre os planos de ensino das disciplinas desenvolvidas no curso de medicina FAMERP – 2014**. Disponível em: <http://www.famerp.br/images/documentos2014/secretaria/principais-informacoes-plano-de-ensino-medicina.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018.
- FM-USP. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. **Grade curricular Faculdade de Medicina Universidade de São Paulo (USP-SP)**. Disponível em <<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=5&codcur=5043&codhab=0&tipo=V&print=true>>. Acesso em: 11 set. 2018.
- FMRP-USP. **Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto**. Universidade de São Paulo. Disponível em <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/jupCarreira.jsp?codmnu=8275>. Acesso em: 11 set. 2018.
- FRANCO, Camila *et al.* A Brief Course on Clinical Communication Skills: A MultiCentered Study. **Acta medica portuguesa**, v. 29, n. 12, p. 809-818, 2016.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

<sup>4</sup> "As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP".



- HAMAMOTO FILHO, Pedro Tadao *et al.* Produção científica sobre educação médica no Brasil: estudo a partir das publicações da Revista Brasileira de Educação Médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, p. 477-482, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/109837>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- NÖTH, Winfried. Comunicação: os paradigmas da simetria, antissimetria e assimetria. **Matrizes**, v. 5, n. 1, p. 85-107, 2011.
- RIOS, I. C. Comunicação em medicina. **Revista de Medicina**, v. 91, n. 3, p. 159-162, 18 set. 2012. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/58977>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- ROSSI, Pedro Santo; BATISTA, Nildo Alves. O ensino da comunicação na graduação em medicina - uma abordagem. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, vol. 10, núm. 19, enero-junio, 2006, pp. 93-102. Disponível em: <http://vml029.epm.br/handle/11600/20400>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- ROSSI-BARBOSA, Luiza Augusta Rosa *et al.* A percepção de pacientes sobre a comunicação não verbal na assistência médica. **Rev. Bras. Educ. Med**, v. 34, n. 3, p. 75-80, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Antonio\\_Caldeira/publication/262630800\\_Patients'\\_perceptions\\_of\\_nonverbal\\_communication\\_in\\_medical\\_care/links/553fc3a30cf29680de9da79e.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Caldeira/publication/262630800_Patients'_perceptions_of_nonverbal_communication_in_medical_care/links/553fc3a30cf29680de9da79e.pdf). Acesso em: 22 fev. 2018.
- SILVEIRA, Gabrielle Leite. **O impacto do currículo oculto na formação da identidade profissional do médico**= um estudo qualitativo. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas. 2017. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/330433>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- SUCUPIRA, Ana Cecília. A importância do ensino da relação médico-paciente e das habilidades de comunicação na formação do profissional de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, vol. 11, núm. 23, septiembre-diciembre, 2007, pp. 624-627. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1801/180115440016/>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- VARELA, Danielle Santiago da Silva *et al.* Diretrizes Curriculares Nacionais e a Formação de Profissionais para o SUS. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 6, n. 3, p. 39-43, 2016. Disponível em: <http://gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/3928>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- UFSCAR. Universidade Federal São Carlos. **Cursos / Cursos Oferecidos / Medicina**. Disponível em <http://www.prograd.ufscar.br/cursos/cursos-oferecidos-1/medicina/medicina>. Acesso em: 11 set. 2018.
- UNESP. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Planos de ensino. **Ementas Unesp**. Botucatu. Disponível em <http://www.fmb.unesp.br/#!/graduacao/medicina/planos-de-ensino/>. Acessos em: 12 set. 2018.
- UNICAMP. **Matriz Curricular, 2018**. Disponível em [https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/2017/page/matriz\\_curricular-2017.pdf](https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/2017/page/matriz_curricular-2017.pdf). Acesso em: 12 set. 2018.
- UNICAMP. **Planejamento Estratégico Gestão Estratégica Faculdade de Ciências Médicas 2016 | 2020**. Disponível em <https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/2017/page/planesfcm.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018.
- USCS. **Estrutura Curricular Faculdade de Medicina**. Disponível em: [www.uscs.edu.br](http://www.uscs.edu.br). Acesso em: 26 abr. 2019.